

PETER ENGLUND

A beleza e a dor

Uma história íntima da Primeira Guerra Mundial

Tradução do sueco

Fernanda Sarmatz Åkesson



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Peter Englund
Todos os direitos reservados
Publicado mediante acordo com Stilton Literary Agency e
Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Stridens skönhet och sorg

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa
© Barbara Singer/ The Bridgeman Art Library

Preparação
Cacilda Guerra

Revisão
Huendel Viana
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Englund, Peter
A beleza e a dor : uma história íntima da Primeira Guerra
Mundial / Peter Englund; tradução do sueco Fernanda Sarmatz
Åkesson. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original : Stridens skönhet och sorg.
ISBN 978-85-359-2450-3

1. Guerra Mundial, 1914-1918 — Narrativas pessoais I. Título.

14-03730

CDD-940.48

Índice para catálogo sistemático:

1. Guerra Mundial, 1914-1918 : Narrativas pessoais 940.48

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação	11
<i>Dramatis personae</i>	13
1914	15
1915	67
1916	175
1917	279
1918	381
Epílogo	455
<i>Coda</i>	465
<i>Referências bibliográficas</i>	467
<i>Créditos das imagens</i>	473
<i>Índice remissivo</i>	477

Dramatis personae

Elfriede Kuhr — Estudante alemã, doze anos.¹

Richard Stumpf — Marinheiro alemão, 22 anos.

Pál Kelemen — Membro da cavalaria austro-húngara, vinte anos.

Andrei Lobanov-Rostovski — Engenheiro do Exército russo, 22 anos.

Florence Farmborough — Enfermeira inglesa do Exército russo, 27 anos.

Kresten Andresen — Soldado dinamarquês do Exército alemão, 23 anos.

Michel Corday — Funcionário público francês, 45 anos.

Alfred Pollard — Soldado da infantaria britânica, 21 anos.

William Henry Dawkins — Engenheiro do Exército australiano, 21 anos.

Sophie Botcharski — Enfermeira do Exército russo, 21 anos.

René Arnaud — Soldado da infantaria francesa, 21 anos.

Rafael de Nogales — Membro da cavalaria otomana, venezuelano, 35 anos.

Harvey Cushing — Cirurgião do Exército americano, 45 anos.

Angus Buchanan — Soldado da infantaria britânica, 27 anos.

Willy Coppens — Piloto da Força Aérea belga, 22 anos.

Olive King — Motorista do Exército sérvio, australiana, 28 anos.

1. A idade dos personagens data do início da guerra.

Vincenzo D'Aquila — Membro da infantaria italiana, americano de origem italiana, 21 anos.

Edward Mousley — Membro da artilharia britânica, neozelandês, 28 anos.

Paolo Monelli — Caçador de montanha do Exército italiano, 23 anos.

Cronologia

- 28/JUN. O arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e sua esposa são assassinados em Sarajevo.
- 23/JUL. O Império Austro-Húngaro envia um ultimato à Sérvia.
- 28/JUL. O Império Austro-Húngaro declara guerra à Sérvia.
- 29/JUL. A Rússia se mobiliza contra o Império Austro-Húngaro, a favor da Sérvia.
- 31/JUL. A Alemanha exige que a Rússia interrompa sua mobilização, o que não acontece.
- 01/AGO. A Alemanha se mobiliza, assim como a França, agora aliada da Rússia.
- 02/AGO. Tropas alemãs invadem a França e Luxemburgo, enquanto os russos invadem a Prússia Oriental.
- 03/AGO. A Alemanha exige que a Bélgica permita a passagem das tropas alemãs. A exigência não é atendida.
- 04/AGO. A Alemanha invade a Bélgica. A Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha.
- 06/AGO. Tropas francesas invadem a colônia alemã do Togo.
- 07/AGO. A Rússia invade a parte alemã da Prússia Oriental.
- 13/AGO. O Império Austro-Húngaro invade a Sérvia. A campanha é malsucedida.
- 14/AGO. Tropas francesas entram na Lorena, mas são derrotadas.

- 18/AGO. A Rússia invade a Galícia austro-húngara.
- 20/AGO. Bruxelas sucumbe. Tropas alemãs seguem para o sul, em direção a Paris.
- 24/AGO. A colônia alemã de Camarões é invadida pelos Aliados.
- 26/AGO. A Batalha de Tannenberg tem início. Os russos reagem na Prússia Oriental.
- 01/SET. Começa a Batalha de Lemberg, com grandes perdas para a Áustria-Hungria.
- 06/SET. Contraofensiva britânica e francesa no Marne. A marcha alemã para Paris é impedida.
- 07/SET. A segunda invasão da Sérvia, pelos austro-húngaros, é iniciada.
- 11/SET. A partida para o mar tem início.
- 23/SET. O Japão declara guerra à Alemanha.
- 12/OUT. Começa a primeira das muitas batalhas em Flandres.
- 29/OUT. O Império Otomano entra na guerra, aliando-se à Alemanha.
- 03/NOV. A Rússia invade a Armênia, província do Império Otomano.
- 07/NOV. A colônia alemã de Tsingtao, na China, é conquistada por tropas japonesas e britânicas.
- 08/NOV. Início da terceira invasão da Sérvia.
- 18/NOV. Ofensiva otomana no Cáucaso.
- 21/NOV. Tropas britânicas ocupam a cidade de Basra, na Mesopotâmia.
- 07/DEZ. Começa o segundo conflito em Varsóvia.

1. TERÇA-FEIRA, 4 DE AGOSTO DE 1914

Elfriede Kuhr vê o 149º Regimento de Infantaria partir de Schneidemühl

Noite quente de verão. Música suave ao longe. Elfriede e seu irmão encontram-se dentro de casa, na Alte Bahnhofstrasse, 17, mas assim mesmo ouvem o som da canção, que vem se aproximando. Eles logo percebem o que está para acontecer. Saem correndo para a rua, rumo à estação de trem, uma construção de cor amarelada que lembra mais uma fortaleza. Em frente ao prédio, concentra-se uma multidão, e todas as luzes estão acesas. Elfriede acha que o reflexo das luzes batendo na folhagem das castanheiras faz com que ela pareça de papel.

Ela sobe na cerca de ferro que separa a estação do local onde a multidão se aglomera. A música se aproxima. Ela vê um trem de carga parado, à espera, na plataforma número 3. Vê que sai vapor da locomotiva. As portas dos vagões estão abertas, e lá dentro ela vislumbra os soldados reservistas vestidos à paisana, prontos para a partida. Os homens se inclinam para fora, acenam e riem. Ao mesmo tempo, a música fica cada vez mais alta, mais clara, nessa noite quente de verão. O irmão de Elfriede anuncia: “Eles vêm vindo! O 149º!”

É por eles que todos estão aguardando: o 149º Regimento de Infantaria, a unidade militar da cidade. Eles irão para a Frente Ocidental. “Frente Ocidental”,

uma expressão nova. Até hoje Elfriede nunca tinha ouvido falar nisso. A guerra é coisa dos russos, todo mundo sabe; é para enfrentar as forças russas que o Exército alemão foi mobilizado, elas logo atacarão, todos já sabem disso também.¹ A ameaça do leste é constante, em especial para os que vivem na Pomerânia, e Schneidemühl não é nenhuma exceção. A fronteira russa fica a menos de 160 quilômetros dali, e a cidade é cortada pela ferrovia que liga Berlim a Königsberg, o que a torna um alvo fácil para o poderoso inimigo oriental.

Para a população de Schneidemühl, vale o mesmo que para os políticos e generais que, tateando e tropeçando, desastrados, levaram a Europa à guerra: há informações, mas são quase sempre incompletas ou desatualizadas, e a falta de fatos acaba sendo preenchida por adivinhações, suposições, falsas esperanças, medos, ideias fixas, teorias conspiratórias, sonhos, pesadelos, rumores. Aqui em Schneidemühl, como em milhares de cidades e vilarejos no continente, vão-se produzindo sobretudo rumores — uma imagem adulterada dos acontecimentos e dados enganosos. Elfriede Kuhr tem doze anos, é uma menina inteligente e inquieta, de tranças louro-avermelhadas e olhos verdes. Ela ouviu dizer que aviões franceses bombardearam Nuremberg, que a ponte ferroviária perto de Eichenried foi atacada, que tropas russas estão por perto de Johannisburg, que agentes russos tentaram matar o príncipe herdeiro em Berlim, que um espião russo tentou explodir a fábrica de aviões na periferia, que um agente russo tentou contaminar a água da cidade com o vírus do cólera e que um agente francês tentou explodir as pontes do rio Küddow.

Nada disso corresponde à verdade, o que só ficará esclarecido mais adiante. Hoje parece que o povo está preparado para acreditar em qualquer coisa, por mais incrível que pareça.

Para as pessoas de Schneidemühl, assim como para quase todos os alemães, trata-se de uma guerra defensiva, uma guerra da qual foram obrigados a participar, e agora não há outro caminho que não seja ir até o fim. Os alemães e seus semelhantes em cidades e vilarejos na Sérvia, na Áustria-Hungria, na Rússia, na França, na Bélgica e na Grã-Bretanha têm temores, esperanças e um forte sentimento de justiça, pois agora os aguarda uma luta fatídica contra as forças das trevas. Uma poderosa onda de emoções passa por Schneidemühl,

1. A informação se confirmou: antes do final do mês de agosto, a Alemanha teve seu território invadido pelo Exército russo.

Alemanha e Europa, levando consigo tudo e todos. Mas o que entendemos como escuridão é como luz para os inimigos.

Elfriede ouve o irmão chamá-la e logo vê o que está acontecendo. Lá vêm eles, enfileirados, os soldados fardados de cinza, com coturnos de cano curto e couro claro, carregando mochilas imensas e capacetes pontiagudos forrados de tecido cinzento. Em frente à tropa marcha uma banda militar e, à medida que eles se aproximam da estação, a multidão começa a acompanhar aquela melodia já tão conhecida. Os soldados cantam e, quando chegam no refrão, a plateia passa a acompanhá-los. A canção soa como um poderoso rugido nessa noite do mês de agosto:

*Lieb' Vaterland, magst ruhig sein,
Lieb' Vaterland, magst ruhig sein,
Fest steht und treu die Wacht, die Wacht am Rhein!
Fest steht und treu die Wacht, die Wacht am Rhein!*²

O ar se enche do ruído dos tambores, do som das botas pisoteando o chão e dos gritos entusiásticos. Elfriede anota em seu diário:

Então veio o 149º, ombro a ombro, e se espalhou pela plataforma como uma maré cinzenta. Todos os soldados tinham guirlandas de flores em volta do pescoço ou presas no peito. De dentro dos rifles saíam arranjos de ásteres, folhas e rosas, como se eles fossem atirar nos inimigos usando flores à guisa de munição. Os soldados tinham uma expressão séria. Eu imaginava que eles estariam rindo, exultantes.

Elfriede vê então um soldado às gargalhadas, um tenente que ela reconhece de imediato. Ele se chama Schön e ela o observa enquanto se despede de sua família e depois desaparece no meio da multidão. Ela repara que o soldado, o tempo todo, recebe tapas de encorajamento nas costas, abraços e beijos do povo. Ela quer gritar: “Olá, tenente Schön!”. Mas não tem coragem.

A música continua a soar, acima da multidão forma-se uma nuvem de chapéus e lenços se agitando, o trem que leva os soldados reservistas apita e

2. “Mantenha-se calma, pátria querida,/ Firme e fiel é o guarda do Reno!”, em tradução livre. A canção “Die Wacht am Rhein” tinha o status de hino não oficial da Alemanha desde o século XIX.

começa a partir, todos gritam entusiasmados e acenam. Logo o 149º partirá também. Elfriede desce da cerca de ferro, é envolvida pela multidão e sente medo de ser esmagada, sufocada. Ela avista uma senhora com os olhos marejados. A senhora solta gritos de cortar o coração: “Paul! Onde está meu pequeno Paul? Deixem-me pelo menos ver o meu filho!”. Elfriede não tem a menor ideia de quem seja Paul, ela encontra-se no meio de uma aglomeração de costas, braços, barrigas e pernas. Abalada, ou talvez apenas sentindo-se agradecida por poder desviar seus pensamentos dessa confusão de imagens, sons e sentimentos esmagadores, Elfriede começa a rezar: “Meu Deus, proteja o Paul! Traga-o de volta para essa senhora! Eu lhe peço, por favor, por favor por favor!”.

Ela vê que os soldados começam a marchar e a seu lado um menino pequeno enfia a mãozinha através da grade e diz: “Soldado, adeus!”. Um dos soldados uniformizados pega a mão do menino e lhe dá uma leve sacudida: “Adeus, irmãozinho!”. Todos riem, a banda toca “Deutschland, Deutschland, über alles”, alguns acompanham cantando. Um trem comprido enfeitado de flores se aproxima da plataforma número 1. Ouve-se um toque de corneta, e os soldados logo começam a embarcar. Ofensas, piadas, ordens de comando no ar. Um soldado retardatário passa correndo por Elfriede, que se encontra atrás da grade. Ela cria coragem, estende-lhe a mão e diz, tímida: “Boa sorte!”. Ele a vê, sorri e segura seu pulso: “Até a volta, menina!”.

Elfriede o segue com o olhar. Ela vê o soldado subir no vagão de carga. Ele se vira, e os dois trocam olhares. O trem começa a se movimentar, primeiro devagar e então cada vez mais rápido.

Os gritos de entusiasmo se transformaram em rugidos, os rostos dos soldados encheram as portas abertas, flores voavam ao redor e muitas pessoas começaram a chorar ao mesmo tempo.

“Até logo! Nós nos encontraremos aqui de novo!”

“Não tenham medo! Voltaremos logo!”

“Vamos celebrar o Natal com mamãe!”

“Sim, sim, sim, voltem sãos e salvos!”

De dentro do trem surge uma poderosa música. Elfriede só tem tempo de entender uma parte do refrão: “*In der Heimat, in der Heimat, da gibt's ein Wie-*

dersehen!”³ E, assim, os vagões vão desaparecendo na noite. Nessa noite escura e quente de verão.

Elfriede está emocionada. Ela volta para casa com vontade de chorar. A mão que o soldado segurou vai estendida à sua frente, como se estivesse carregando algo muito valioso e ao mesmo tempo muito frágil. Ao subir a escada mal iluminada que leva até a Alte Bahnhofstrasse, 17, ela beija rápido a própria mão.

2. QUINTA-FEIRA, 20 DE AGOSTO DE 1914

Richard Stumpf encontra-se a bordo do SMS Helgoland e copia um poema

Ele está muitíssimo aborrecido. Mais uma declaração de guerra, mais um Estado que se une aos inimigos da Alemanha. Agora, o Japão. Os governantes de Tóquio já se mobilizaram, entre os primeiros de uma longa fila de oportunistas. Querem aproveitar esse momento de insegurança para abocanhar alguma coisa, de preferência um pedaço significativo de território. O Japão já apresentou um ultimato ao ministro das Relações Exteriores em Berlim, exigindo que todos os navios de guerra alemães saiam da Ásia e que a colônia alemã de Tsingtao seja devolvida aos japoneses.⁴

A raiva de Stumpf transborda e o faz descarregar a invectiva racista: “Só mesmo esses asiáticos amarelos de olhos puxados seriam capazes de vir com essa reivindicação absurda”. Mas ele está mais do que convencido de que as tropas alemãs na Ásia darão uma verdadeira lição nesses “macacos amarelos ladrões”.

Richard Stumpf é um marinheiro de 22 anos, da Marinha alemã, oriundo da classe trabalhadora, que há dois anos se sustentava como funileiro, antes de se alistar; é também católico praticante, membro de uma associação cristã e nacionalista declarado. Como tantos outros, está embriagado de alegria por

3. “No nosso lar, no nosso lar, vamos nos reencontrar!”

4. Tsingtao — agora Qingdao — fica numa península da costa da província chinesa de Shandong. Foi entregue à Alemanha no final do século XIX, como compensação pelo assassinato de alguns missionários alemães (a herança germânica é perceptível na qualidade da cerveja produzida na região). O Japão, cujas ambições imperialistas no continente asiático já tinham levado à guerra com a Rússia e a China, prosseguiu com seus planos expansionistas, ainda que sob o disfarce da aliança com a Grã-Bretanha, até 1902. Desde a metade de agosto, ou seja, uma semana antes do citado ultimato, os japoneses estavam prontos para atacar Tsingtao.

causa da eclosão da guerra, que significa poder acertar as contas com os traidores ingleses, já que “a verdadeira causa” para a Grã-Bretanha participar do conflito é “a inveja das nossas conquistas econômicas”. “Que Deus castigue a Inglaterra”, dizem muitos dos soldados uniformizados quando entram em algum recinto, como forma de cumprimento. Todos respondem em coro: “Que assim seja”.

Stumpf é inteligente, chauvinista, curioso e preconceituoso. Tem talento para a música e gosta muito de ler. Em sua fotografia podemos ver um jovem sério, o rosto em formato oval, olhos unidos e boca pequena e bem desenhada. Hoje Stumpf se encontra no mar, perto do estuário do Elba, a bordo do grande navio de guerra SMS *Helgoland*, em que tem servido desde seu alistamento.⁵ É onde também se encontrava quando a guerra eclodiu.

Richard se lembra de que o humor geral da tripulação estava meio em baixa quando o navio aportou. É que, quando em alto-mar, eles não tinham sido alcançados pelas notícias emocionantes — em todos os lugares se ouvia o povo reclamando de “todo este barulho por nada”. Apesar de ser permitido desembarcar, não foi isso que fizeram. Às cinco e meia, após o sinal de “todos os homens ao convés”, eles ali se enfileiraram. Um dos oficiais da belonave, com ar sombrio e um papel na mão, anunciou que tanto o Exército quanto a Marinha haviam sido mobilizados. “Vocês sabem o que isto significa: guerra!” A orquestra do navio tocava uma canção patriótica, e todos a cantavam, entusiasmados. “Nossa alegria e empolgação eram sem limites e duraram a noite toda.”

No meio de toda essa animação já se percebe uma notável assimetria. A

5. O SMS *Helgoland*, lançado em 1909 em Kiel, era a encarnação da corrida armamentista do pré-guerra, construído como resposta ao britânico HMS *Dreadnought*. Este, o maior e mais potente navio de guerra da época, com suas turbinas a vapor, sua armadura e seu armamento pesado, diante do qual as demais belonaves ficaram ultrapassadas, fez com que muitas outras frotas no mundo tivessem seu orçamento prejudicado. O armamento do SMS *Helgoland* estava no mesmo nível daquele do HMS *Dreadnought*, possuindo uma armadura ainda mais espessa. (Os navios de guerra alemães não foram planejados para ter o mesmo alcance que os britânicos, de modo que, nesse caso, o peso que se economizou em carga de carbono pôde ser usado como proteção extra.) Com seus doze canhões de 30,5 centímetros, era um dos mais modernos navios de guerra da Marinha alemã, junto com os três outros navios da mesma frota, *Ostfriesland*, *Thüringen* e *Oldenburg*, que, juntos, despertavam grandes expectativas na população, nos almirantes, na tripulação e até mesmo no cáiser Guilherme II. Todos sabiam que a dispendiosa (e idiota) Marinha era um dos projetos favoritos do imperador. Foi a implementação dela, antes da guerra, que fez a Alemanha e a Grã-Bretanha entrarem em conflito.

energia no ar arrebatava todo mundo. Stumpf nota, com satisfação, que muitos escritores antes radicalmente críticos ao governo do cáiser Guilherme mudaram de tom e agora se mostram patriotas. O que se esconde nessa tempestade de emoções de alta tensão é a pergunta crucial: *por que* se luta? Assim como Stumpf, muitos afirmam saber “do que se trata”, ou acham que encontraram “a verdadeira razão”, mas essas causas e razões já estão desaparecendo por trás do fato de que há uma luta. A guerra dá sinais de estar se tornando um fim em si mesma. Poucos falam agora sobre Sarajevo.

Parte da propaganda contra o número crescente de opositores já alcançou seu limite, na opinião de Stumpf. Como um vulgar cartão-postal que ele acabou de ver em uma loja, que mostra um soldado alemão pondo um inimigo sobre os joelhos para espancá-lo no traseiro, ao mesmo tempo que diz aos companheiros: “Não empurrem! Cada um terá sua vez!”. E os famosos versos inventados por moleques de rua e rabiscados com giz nos vagões de trem que transportam soldados mobilizados: “*Jeder Schuss ein Russ, Jeder Stoss ein Franzos, Jeder Tritt ein Britt*”.⁶ Mas outras coisas o sensibilizam profundamente, como aquele poema feito pelo popular escritor Otto Ernst, publicado no nacionalista *Der Tag*, que comenta o fato de a Alemanha estar em guerra com sete países. Ele fica tão emocionado com o poema que acaba copiando-o, palavra por palavra, em seu diário. Duas das estrofes são as seguintes:

*O mein Deutschland wie musst du stark sein
Wie gesund bis ins innerste Mark sein
Dass sich's keiner allein getraut
Und nach Sechsen um Hilfe schaut.*

*Deutschland wie must du vom Herzen echt sein
O wie strahlend hell muss dein Recht sein
Dass der mächtigste Heuchler dich hasst
Dass der Brite von Wut erblasst.*⁷

6. “Cada tiro, um russo, cada estocada, um francês, cada chute, um inglês.” Na época também foi acrescentado mais um verso à rima: “*Jeder Klaps ein Japs*”, ou seja, “cada estrondo, um japonês”. Muitas rimas de mau gosto como essas foram criadas.

7. “Minha Alemanha, quão forte não tens de ser,/ Quão saudável até o fundo,/ Quando ninguém

E a estrofe final:

*Morde den Teufel und hol dir vom Himmel
Sieben Kränze des Menschentums
Sieben Sonnen unsterblichen Ruhms.*⁸

A agitação retórica e o tom estridente da propaganda não são sinais de que há muito em jogo, e sim o oposto. Há muitos conflitos por resolver, mas nenhum deles tão insolúvel que a guerra seja necessária, e decerto não tão grave que a torne inevitável. Quando as razões são vagas e os objetivos incertos, necessita-se de toda energia possível, seja em palavras que inspirem, seja em propaganda que levante os ânimos.

Richard Stumpf caminha, embriagado ainda com as palavras. O cinzentos *Helgoland*, balançando na água, imenso, pesado, aguarda. Não se avistou nenhum inimigo ainda. Certa impaciência paira no ar.

3. TERÇA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1914

Pál Kelemen atinge o front em Halicz

A princípio ele teve dificuldade de entender que não se tratava, mais uma vez, de um exercício de treinamento. Tudo começou em Budapeste. Pál se lembra de como todos o olharam quando ele colocou suas malas em uma carruagem e como, uniformizado de calça vermelha, túnica bordada azul e botas de couro de cano longo, se infiltrou na grande multidão da Estação Oriente, tudo para acabar de pé no corredor do vagão. Ele também se lembra de como as mulheres choravam, uma delas teria caído no chão desmaiada se não tivesse sido salva por um estranho. Uma das últimas cenas que vislumbrou, quando o trem deixava a estação, foi um senhor de idade correndo atrás do comboio, tentando se despedir do filho.

tem coragem só, /Quando todos pediram ajuda. //Alemanha, quão honesto teu coração não tem de ser, /Quão radiante e limpo teu direito, /Para que o hipócrita mais poderoso te odeie/ E o inglês empalideça de fúria.”

8. “Mata o diabo e agarra da altura do céu/ As grinaldas da vitória da humanidade,/ Sete sóis de honra imortal.”